



<b>Bolsas</b> Na sexta-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na sexta-feira	<b>Salário mínimo</b> R\$ 1.412	<b>Euro</b> Comercial, venda na sexta-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
São Paulo: <b>0,72%</b> Nova York: <b>0,37%</b>	128.025 / 128.725 9/2 14/2 15/2 16/2	8/fevereiro: 4,994 9/fevereiro: 4,961 14/fevereiro: 4,972 15/fevereiro: 4,968		<b>R\$ 5,352</b>	<b>11,15%</b>	<b>11,08%</b>	Setembro/2023: 0,26 Outubro/2023: 0,24 Novembro/2023: 0,28 Dezembro/2023: 0,56 Janeiro/2024: 0,42

## PNAD CONTÍNUA

# Desemprego recua no país, mas avança no DF

Segundo dados do IBGE, a capital saiu do 5º para o 4º colocado entre as maiores taxas de desocupação no país: 9,6%

» RAFAELA GONÇALVES

O Distrito Federal ficou entre as cinco unidades da federação (UFs) com maior taxa de desocupação no 4º trimestre de 2023. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua Trimestral, divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o desemprego na capital passou de 8,8% no 3º trimestre para 9,6%. O percentual ficou acima da média nacional, que foi de 7,4% no período.

De acordo com o levantamento, que traz números por região, apenas dois estados das 27 UFs apresentaram queda estatística significativa entre os meses de outubro e dezembro. Foram eles Rio de Janeiro, que passou de 10,9% para 10%, e Rio Grande do Norte, que apresentou retração de 10,1% para 8,3%.

Segundo a coordenadora de Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE, Adriana Beringuy, diversos estados do país apresentaram tendência de queda, mas só nesses dois houve retração considerável. “No Rio de Janeiro, houve crescimento acentuado da ocupação, principalmente nas atividades industriais e de outros serviços. No caso do Rio Grande do Norte, o recuo da taxa foi influenciado pela redução do número de pessoas procurando trabalho no período”, explicou.

As duas UFs com aumento mais significativo na taxa de desocupação foram Rondônia, que passou de 2,3% para 3,8%, e Mato Grosso, que foi de 2,4% para 3,9%. A variação trimestral do DF foi de apenas 0,8%, o que, de acordo com a pesquisa, “não foi considerável”, assim como as demais regiões.

Entre os dois estados com a desocupação em alta, a pesquisadora ponderou que os cenários são distintos. “Em Rondônia, houve uma redução no número

de trabalhadores, com maiores perdas de ocupação na agricultura e no comércio. Já em Mato Grosso, embora houvesse aumento na ocupação, a expansão acentuada do número das pessoas procurando trabalho contribuiu para o crescimento da taxa de desocupação no estado”, afirmou Beringuy.

Nos dados por recorte regional, as variações estatísticas relevantes são aquelas que mostram flutuações consideráveis na taxa de desocupação nos estados e podem variar por diferentes motivos, desde o aumento de trabalhadores no grupo de ocupados, como pelo aumento de trabalhadores procurando emprego.

Para José Roberto Araújo Filho, fundador da Wide Brazil People, companhia que atua conectando trabalhadores brasileiros a empresas estrangeiras, a amostra por regiões revela uma certa fragilidade no mercado de trabalho brasileiro. “Evidencia que muitas regiões do país ainda estão imersas em crises não apenas de desemprego, mas também de falta de empregos de qualidade”, avaliou.

Tanto a taxa de desocupação dos homens quanto a das mulheres tiveram variações negativas entre o terceiro e o quarto trimestre, mas a diferença foi maior para eles. Enquanto a taxa das mulheres passou de 9,3% para 9,2%, a dos homens caiu de 6,4% para 6,0% no mesmo período, ou seja, apenas eles ficaram com o nível mais baixo do que a média nacional, que foi de 7,4%.

O economista Rodolpho Tobler, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), salientou que a ausência de estatística significativa mostra que, em linhas gerais, o mercado de trabalho teve uma melhora disseminada. “Ao contrário de 2022, em que essa redução da taxa de desemprego foi muito influenciada pelas pessoas que deixaram de procurar

trabalho, em 2023 tivemos um aumento expressivo de pessoas trabalhando, chegando até a recorde de ocupação”, avaliou.

### Ocupação recorde

No 4º trimestre do ano passado, o número de pessoas ocupadas bateu novo recorde na série histórica da pesquisa e chegou a 100,5 milhões de brasileiros. Houve também uma queda no contingente de pessoas que buscavam trabalho há dois anos ou mais. Esse contingente foi de 1,8 milhão de pessoas, uma queda de 17,6% em relação ao mesmo período de 2022, quando havia 2,2 milhões nessa situação.

Tobler afirmou que, com a recuperação da pandemia, o mercado de trabalho pode se voltar agora para questões estruturais. “Podemos voltar agora a olhar para essas questões, como estados ainda com a informalidade muito alta. Questões estruturais voltam à pauta que deveríamos ter há um tempo atrás, mas que foi atrasada pela pandemia. Imagino que o governo também deseje reduzir essas desigualdades, diferenças e esse comportamento regional mais negativo”, avaliou.

O rendimento médio habitual no país foi de R\$ 3.032 no 4º trimestre, média estável em relação ao trimestre anterior, encerrado em setembro. Nessa comparação interanual, o valor médio cresceu no Norte, no Nordeste e no Sudeste, enquanto o Sul e o Centro-Oeste ficaram estáveis.

Apesar do desempenho histórico no ano passado, o economista ponderou que foi possível observar uma desaceleração gradual da formação de empregos ao longo do ano passado, que deve seguir em 2024. “Olhando para os resultados na ponta é possível observar esse desempenho mais lento da geração de empregos no final do ano, que deve seguir este ano”, destacou.

## Raio-x do desemprego

Apenas dois estados tiveram queda na taxa no 4º trimestre, DF está entre os maiores percentuais de desocupação

### CINCO MAIORES TAXAS DE DESOCUPAÇÃO



### CINCO MENORES TAXAS DE DESOCUPAÇÃO



### PERCENTUAL DE PESSOAS OCUPADAS POR CONTA PRÓPRIA

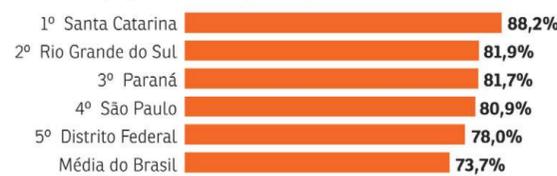
Por UF (%) — 4º trimestre 2023



O DF é a terceira região com menor percentual de trabalhadores por conta própria

### PERCENTUAL DE EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA

Entre os empregados do setor privado por UFs (%) — 4º trimestre 2023

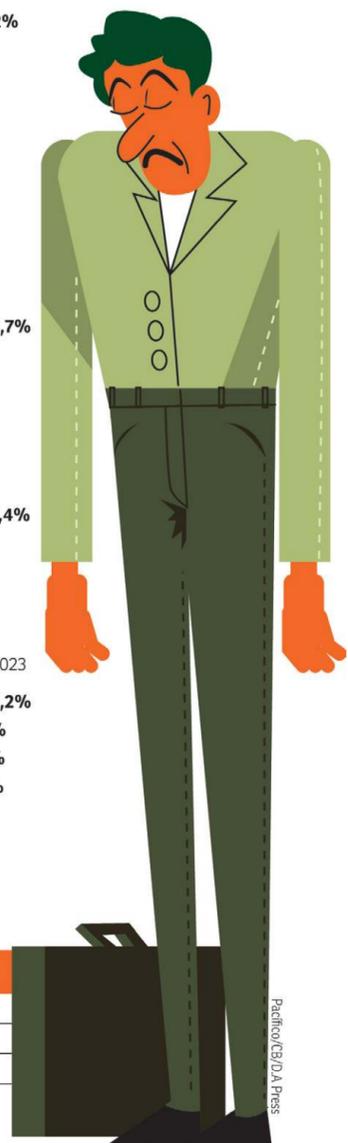


O DF está entre as 5 UFs com maior percentual de trabalhadores com carteira assinada no setor privado

### TEMPO DE PROCURA DE TRABALHO

TEMPO DE PROCURA DE TRABALHO	VARIAÇÃO PERCENTUAL 2022/2023
Menos de 1 mês	-2,7%
De 1 mês a menos de 1 ano	0,7%
De 1 ano a menos de 2 anos	-8,4%
2 anos ou mais	-17,6%

Fonte: IBGE



## INFLAÇÃO

# Para diretor do BC, pressão salarial ainda não afeta preços

» EDLA LULA  
» RPHAEL PATI

O diretor de Política Monetária do Banco Central, Gabriel Galípolo, comentou, ontem, que a autoridade monetária acompanha com cautela a possibilidade de haver pressão inflacionária provocada pela “resiliência” do mercado de trabalho. Ele salientou, no entanto, que isso só se tornará um problema, de fato, se houver um contágio do aumento salarial na inflação, o que não se observa.

Durante uma live promovida pelo Bradesco Asset, Galípolo foi indagado sobre a preocupação expressa na ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) em relação a possíveis “pressões salariais” sobre a inflação. O

documento diz que “Na discussão (entre os diretores do BC), apresentaram-se elementos que permitiriam observar, nos próximos meses, uma atenuação da desaceleração da atividade antecipada em função do aumento da renda das famílias, como reflexo da elevação do salário-mínimo, de benefícios sociais e do mercado de trabalho mais resiliente”. Galípolo comentou que a preocupação do BC com esse tema se assemelha à forma como a instituição acompanha a taxa de juros nos Estados Unidos.

“A gente está sempre dizendo aquilo para o que nós estamos olhando enquanto ponto de preocupação e fonte de cautela, mas que precisa se concretizar de alguma maneira em contágio para a inflação corrente ou para a

Bradesco Asset Management/YouTube



Diretor de Política Monetária do Banco Central, Gabriel Galípolo

expectativa de inflação”, explicou o diretor do BC. Galípolo acrescentou que, agentes do mercado financeiro não enxergam correlações entre pressões inflacionárias nem mesmo considerando o reajuste do salário mínimo. “Estamos chamando a

atenção, estamos observando, mas vamos analisar como isso se transmite para a inflação corrente. Se isso vai realmente se revelar como uma pressão inflacionária ou na revisão das expectativas”, apontou.

## Cenário no mundo

O diretor do BC disse que a mesma cautela usada no Brasil vem se repetindo com os Bancos Centrais do mundo. Segundo ele, todas as autoridades monetárias têm verificado uma “surpresa positiva”, em que mesmo com mercado de trabalho e atividade econômica se intensificando, a inflação está cedendo. “Essas coisas que são pouco usuais que estão acontecendo nas correlações macroeconômicas não são uma particularidade do Brasil, elas estão sendo observadas no mundo como um todo. Talvez aquilo que seja idiosincrasia para o Brasil tem sido idiosincrasia positiva, dessa vez, e não negativa”.

Galípolo disse acreditar que a inflação, no Brasil, se acomode até o final do ano, sem a necessidade de adotar políticas mais contracionistas.

Para Galípolo, o mais correto é ter uma reação “pouco emotiva” sobre os números divulgados. “Ainda que isso possa ensejar

algum tipo de crítica sobre um conservadorismo maior ou um ritmo um pouco mais lento de reação a essas questões. Acho que por um lado e por outro, que a gente tenha parcimônia e serenidade, parece ser o mais recomendável do ponto de vista de causar menos dano ao paciente”, sustentou.

Sobre o cenário macroeconômico fiscal, o diretor ainda ressaltou que espera um déficit em torno de 0,8% nas contas públicas ao final do ano. Ele ainda acrescentou que o mercado espera uma mudança na meta de déficit zero do governo federal e monitora o compromisso com as contas públicas.

O Banco Central decidiu reduzir a Taxa Básica de Juros a partir de agosto do ano passado, após permanecer por mais de um ano com uma política contracionista, com a Selic chegando a 13,75% ao ano. Atualmente, a taxa está em 11,25% ao ano, e pode chegar a 9% no fim do ano, segundo analistas.